De uma questão preliminar a toda clínica possível da suplência

Luis Izcovich

Eu me propus, a partir deste título, a pôr em discussão o termo *suplência* na elaboração de Lacan, ou seja, a situar o momento de sua emergência, as noções que o antecipam, sua função na estrutura e suas conseqüências clínicas.

Vocês percebem que o programa é ambicioso e não pode ser desenvolvido exaustivamente neste contexto, sobretudo porque, para mim, trata-se não de um momento de concluir sobre a questão, e sim de um trabalho em curso. Além disso, observo o emprego do termo *preliminar* no título, pois não me parece evidente que o termo suplência seja sempre utilizado segundo a conceituação proposta por Lacan.

Notemos, primeiramente, que Lacan, bem antes de fazer da suplência um conceito preciso, tem a intuição de que, em certos casos e segundo condições precisas, os fenômenos relativos ao desencadeamento de uma psicose podem ser evitados. É o que se deduz, por exemplo, das articulações que o psiquiatra Lacan extrai do *caso Aimée* em relação a seu devaneio solitário, que, uma vez declarada a enfermidade, intensifica-se pelo arrependimento de que ela deveria ter ficado perto de sua mãe. De fato, sua família havia percebido que Aimée não havia sido feita para o casamento e, em face dessa objeção, esta explica as razões de sua escolha amorosa. A propósito de seu futuro marido, diz: "Se eu não o tomo, uma outra o tomará", dito que testemunha a ausência de orientação fálica.

Lacan utiliza a esse respeito uma fórmula esclarecedora, "apragmatismo sexual", que implica a escolha de parceiros extremamente incompatíveis. Na verdade, Aimée, em seu devaneio solitário, estava ao abrigo do encontro com um homem e também do aspecto dramático que isso comporta. Assim, a partir desse avanço teórico, uma clínica anterior ao desencadeamento começa a se delinear, aquela relativa à invenção do sujeito e que permite atenuar o vazio na estrutura. Desde o início, então, a clínica da suplência, para Lacan, constitui uma clínica que deve ser situada em oposição ao déficit. Basta remontar aos seus primeiros trabalhos como psiquiatra, para perceber que a resposta do sujeito ao vazio na estrutura traz consigo, em sua tentativa

de compensação, uma aspiração à criação. É claro que isso não implica que a "suplência" seja localizável a cada vez ou válida para todos os sujeitos. Nessa mesma época, Lacan recorre ao termo suplência também para designar o que, para uma paciente psicótica, é da ordem da "inspiração". Nos "Escritos inspirados", os fenômenos automáticos do pensamento dessa paciente são, segundo Lacan, uma suplência ao pensamento: "É quando o pensamento é curto e pobre que o fenômeno automático o supre. Ele é sentido como exterior pois ele é o que supre um déficit do pensamento".

Dito de outro modo, o sujeito psicótico fabrica o que compensa a falha na estrutura. Lá onde havia um *menos*, ele produz um *mais*. Passados mais de 25 anos, essa concepção é renovada por Lacan, ao retornar ao caso Schreber, valendo-se de uma elaboração sobre a estrutura que depende da introdução da categoria de significante.

Notemos que Lacan se serve novamente do termo suplência para designar o que funciona para Schreber como proteção entre a primeira e a segunda enfermidades: "Nenhuma dúvida de que a figura do prof. Flechsig [...] não tenha conseguido suprir o vazio, percebido subitamente, da *Verwerfung* original". O "déficit do pensamento" dos anos 1930 se torna a "ausência de significante" de 1957. A suplência, que anteriormente estava ligada ao que completa a estrutura, passa a ser não somente o que a completa, como também o que permite evitar o encontro com o vazio.

Como não se dar conta de que a figura de Flechsig, em sua fotografia no escritório do presidente Schreber, toma o estatuto de uma identificação que se torna um suporte essencial para o sujeito? Foi isso que Hélène Deutsch e Mauritz Katan, aos quais Lacan presta homenagem, teriam percebido. A primeira com a noção de "como se" e o segundo com a noção de "pré-psicose".

Digamos, portanto, que o "como se" constitui uma assunção pelo sujeito de sua posição sexual, que não toma como suporte um "autorizar-se por si mesmo". Explico-me: "autorizar-se por si mesmo" é o que constitui o apoio necessário do sujeito no encontro com o outro sexo. Digo outro sexo em seu uso mais corrente, um homem para uma mulher, uma mulher para um homem. Na hora da verdade, quando os semblantes caem, na solidão do corpo a corpo, alguma coisa é requisitada: o sujeito deve tomar posição como homem ou como mulher. É aí que intervém o "autorizar-se por si mesmo". É claro que há algo que prepara o sujeito para esse momento. O que o prepara é o Édipo, razão pela qual Lacan pôde dizer que, após o Édipo, o sujeito tem os títulos no bolso. Ter os títulos, de todo modo, não

resolve a questão de uma vez por todas: o sujeito deve assumir, como ser sexuado, uma posição que lhe seja própria.

O uso que Lacan faz do "como se" provém desta concepção: na falta de poder autorizar-se por si mesmo, resta ao sujeito o recurso de fazer o que ele crê que se espera que ele faça, segundo sua pertinência sexual e em função das idéias que prevalecem em um determinado momento no contexto do discurso.

Trata-se da mesma coisa na noção de "pré-psicose" de Katan e em sua ligação com a identificação viril: é a partir de uma identificação com um outro homem que um sujeito pode não somente se sustentar no encontro sexual, como também evitar o desencadeamento da psicose.

Do lado da mulher, o exemplo a seguir, recente, demonstra-o. Uma analisante pôde reconstruir em análise como um grave acidente de automóvel, que a deixou em coma durante um mês, ocorreu após ela ter tomado a decisão de anunciar sua homossexualidade a seus pais. Esse anúncio, contudo, não a tranqüilizava, pois contrariava os ideais familiares.

Após esse episódio, ela orienta sua vida segundo o que chama de "as conveniências", ou seja, terminar os estudos de graduação, casar-se e ter filhos. É o que ela faz, mas não é isso que a anima. Ela permanece convencida de que o gozo na relação sexual com um homem é inferior ao que ela encontrara com uma mulher, o que a empurra a uma nova aventura homossexual, que terminará com um escândalo e o início da análise.

A conjuntura de sua demanda de análise tem estrutura inversa à da passagem ao ato. A homossexualidade não subjetivada, não assumida, traduz-se por uma passagem ao ato no momento em que ela deve anunciá-la. A demanda de análise sobrevém em decorrência do anúncio da homossexualidade, feito por sua parceira aos seus parentes e amigos. Dito de outro modo, essa mulher mantém uma vida paralela: de um lado, marido e filhos; do outro, uma amiga que se torna parceira sexual. O ponto de interseção se revelara porque essa amiga, sendo amiga da família, freqüentava regularmente sua casa.

O escândalo se configura quando a amiga começa a assediar a analisante para que se separe de seu marido e passem a viver juntas com seus filhos. Após muita hesitação, a analisante põe um termo a essa relação, precipitando sua parceira em um estado de raiva violenta, que a leva a tornar pública a relação íntima que havia entre elas.

Essa mulher, portanto, vem me ver em um estado próximo ao que se seguiu ao acidente, decidida a viver, como ela o diz, "segundo as conveniências". Durante certo tempo, formulei

para mim mesmo, na ausência de manifestações psicóticas, que possivelmente se tratava de um desvio (*égarement*) quanto ao sexo proveniente da histeria, embora uma série de indícios clamasse contra essa estrutura: o relato quase invariável, de uma sessão a outra, desses acontecimentos, a ausência de intriga na relação com o outro e, sobretudo, a ausência de uma manifestação sintomática, índice do recalque.

É nesse contexto que, um dia, ela me diz o seguinte: "Eu menti ao senhor, pensando que o senhor esperava de mim que eu entrasse nas conveniências sociais". Notaremos que não se trata de um engano histérico, mas sim de um engano calculado, decorrente de uma estratégia: acomodar-se ao que o Outro demanda. Ela faz "como se" na análise, e eu não fiz objeção a isso, tendo sido assim que ela pôde constituir um Outro da transferência, que não é suposto saber, mas suposto guardar o segredo: um Outro a quem pode fazer a confissão de seu gozo. Dito de outro modo, ela tenta esconder a idéia que seu marido poderia forjar dela, a de que ela seria louca, o que poderia ter conseqüências quanto ao futuro de sua posição de mãe. Se sua loucura é manifesta, poderiam um dia lhe retirar a guarda de seus filhos, algo que ela não quer renunciar por nada no mundo. É por isso que ela se serve de sua análise para dizer o que esconde de seu marido: que jamais mudou de idéia, que se goza mais e melhor com uma outra mulher. Ela, portanto, está advertida com relação ao que deve fazer socialmente como mulher, como mãe, mas seu gozo secreto é com a Outra mulher.

Esse caso evidencia uma solução anterior ao desencadeamento, ao impossível entre os sexos. Uma solução que é da ordem não de um sintoma, mas da escolha de um gozo decidido, que ela pode mobilizar quando e com quem quer, revelando uma clínica que se opõe àquela da impotência do neurótico, cuja expressão se encontra nas inibições e na angústia. Com essa mulher, todavia, constatamos também o que não funciona do lado da autorização: não há uma tentativa de subjetivar o gozo homossexual, de integrá-lo, o que estaria na base de um conflito ou da culpa, como ocorre com outras homossexuais. Ela sabe o que é o gozo que lhe convém, sua escolha está determinada, mas deve permanecer em surdina, pois o essencial é que ela permaneça uma mulher cujo cálculo é o de não perder seus filhos. Em outros termos, sua escolha homossexual decidida é o que supre, para esse sujeito, o que lhe falta na relação com o homem.

Façamos a distinção entre essa concepção e aquela de Lacan ao se referir à suplência a propósito de Hans, para quem o sintoma fóbico tem a função de suprir a carência da metáfora paterna. Nesse caso, o sintoma se mostra como uma invenção

significante, suporte da carência na estrutura, justificando que se considere a revelação, pelo sintoma fóbico, da essência da função do sintoma, qual seja, completar o Nome-do-Pai. Servindo-se do sintoma, o sujeito tem chance de corrigir a falha de estrutura que é a da função paterna. Lacan o formula explicitamente: o significante fóbico é "a chave da observação. É necessário que Hans encontre uma suplência para esse pai".

Tal concepção do sintoma como suplência se demonstra também nas demais estruturas neuróticas. Dora, paradigma da histeria, é exemplo da tentativa de manter um cenário a quatro e corrigir a impotência – sintoma do pai – pelo amor. Ainda que sob outra forma, o sintoma obsessivo revela a mesma estrutura. Para o Homem dos ratos, seu sintoma é uma tentativa de limitar a incidência da falta do pai na estrutura.

Podemos, assim, afirmar que há uma necessidade estrutural a completar o Nome-do-Pai na neurose e que é essa a função essencial do sintoma. Mas podemos também postular que o Nome-do-Pai comporta uma função de suplência, ou seja, que ele é um significante supletivo. A elaboração de Lacan situa esse significante como o mais-um dos significantes ou como significante de exceção. Com efeito, o Nome-do-Pai é o significante necessário para garantir o conjunto dos significantes.

Aqui, devemos observar a virada teórica no ensino de Lacan proporcionada pela afirmação de que não há Outro do Outro ou de que não há metalinguagem, explicitada em seu texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*[1], por intermédio do matema S(Ⱥ) ou há um significante que falta no Outro. Trata-se, de fato, de uma virada, pois Lacan até então contava com a existência de um Outro completo. Isso era uma função do Nome-do-Pai, significante concebido inicialmente como o Outro do Outro, isto é, como o significante que o sujeito retiraria do Outro, assegurando-lhe a legitimidade. De certa maneira, portanto, a concepção inicial do significante do Nome-do-Pai era a função que garantia o sujeito, sendo possível afirmar que a metáfora paterna era a operação fundamental que asseguraria a suplência. *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* antecipa outro remanejamento teórico dos anos 1970, com conseqüências decisivas no que diz respeito ao estatuto da suplência. A antecipação da tese de que não há Outro do Outro encontra seu prolongamento na única lição de Lacan sobre os Nomes-do-Pai, na qual se revela uma outra concepção que abandona o Nome-do-Pai no singular e estabelece sua passagem para uma pluralidade. O que isso quer dizer? Isso quer dizer que o Nome-do-Pai no singular é o índex da função simbólica, ou seja, ele completa uma estrutura sem deixar

[1] Lacan. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano (1960/1998)

lugar para buracos. Trata-se, sem dúvida, de uma concepção idealista em Lacan, em que ele crê na completude assegurada pelo simbólico. Dito de outro modo, o Nome-do-Pai seria, segundo essa perspectiva, uma suplência pelo simbólico e requereria, nos casos de fracasso do sintoma, uma suplência associada. A passagem à pluralização do Nome-do-Pai relativiza a preeminência conferida por Lacan à suplência simbólica. Como afirmado, isso encontra seu ponto decisivo nos anos 1970, quando ele introduz uma mudança capital, ao afirmar que o Nome-do-Pai não é um privilégio do simbólico, ou seja, a pluralização dos Nomes-do-Pai e sua extração das fronteiras do simbólico deixam entrever várias modalidades de suplência. Notamos também que a ampliação da concepção do Nome-do-Pai implica uma conseqüência imediata: o imaginário deixa de ocupar uma posição subordinada em relação ao simbólico – tese de Lacan dos anos de 1950 – e adquire um estatuto equivalente a ele. É isso que Lacan designa com o termo de "homogeinização dos registros", segundo o qual real, simbólico e imaginário não estariam em uma relação de hierarquia.

Ora, essa opção teórica permite avançar esta fórmula capital para entender a suplência: "Pode-se passar sem o Nome-do-Pai, desde que se sirva dele". Assim, podemos sustentar que a suplência é uma solução para o gozo que faz obstáculo, para o gozo que não se deve e que se impõe entre o sujeito e o Outro, obrigando o clínico a localizar qual dispositivo o sujeito construiu para barrar o gozo do Outro. Logicamente, tal questão é solidária do que Lacan chama de "manobra da transferência" e impõe uma distinção fundamental entre suplência e estabilização. Esses dois termos, embora não sejam de Lacan, ganham relevo específico em seu ensino.

A estabilização não é a produção de um sujeito como os outros ou a entrada em uma norma. Algumas vezes, é precisamente o contrário da entrada na norma e consiste em criar um ponto de basta onde o sujeito estava solto, dando uma nova orientação ao seu gozo. Mas isso corresponderia à desaparição de todo fenômeno psicótico? De jeito algum. Trata-se antes do ponto de chegada da busca de uma significação possível para o fenômeno, ou seja, o que é necessário para falar de estabilização é uma posição precisa do sujeito em relação ao enigma. Isso quer dizer que, a partir da estabilização, o sujeito psicótico abandona o recurso sistemático à interpretação que visa dar sentido ao enigma.

Nesses termos, a posição do sujeito na estabilização corresponde muito mais ao que Lacan dá como definição de enigma, isto é, o cúmulo do sentido. Se o sujeito admite que o enigma é

o cúmulo do sentido, não tem mais necessidade de responder a ele, pois já pode consentir com ele.

Examinemos o devir do fenômeno do urro em Schreber após ele ter consentido em se tornar a mulher de Deus, algo que, portanto, ocorre depois da estabilização. Os gritos não desaparecem, mas o sujeito não é mais compelido a completá-los, e busca associá-los a um outro significante. Podemos, assim, tomar a expressão de Schreber "Todo não sentido se anula", extraída por Lacan de seu livro *Memórias de um doente dos nervos*, e dizer que o sujeito opera na metáfora delirante a passagem do enigma do sentido à sua anulação.

Isso, aliás, é um ponto de interseção entre a estabilização e a suplência, pois o que esta designa nada mais é do que a invenção com a qual o inconsciente adverte o sujeito de um dispositivo que o protege do encontro com o gozo enigmático. Por essa razão, sou estrito em relação ao conceito de suplência, que designa a operação que permite ao sujeito não se confrontar com o gozo que não lhe é próprio, ou seja, a suplência evita o desencadeamento. Nesse sentido, é a suplência que permite uma regulação do gozo, um cálculo sobre este, de modo a evitar a contingência. Contingente é o encontro com o desejo do Outro. A fragilidade psicótica faz com que o encontro com esse desejo produza enigma e freqüentemente se resolva pelo amálgama de base do postulado psicótico: "Se o Outro deseja, é porque ele quer gozar de mim". É a esse amálgama, portanto, que a suplência se opõe. Na realidade, trata-se de uma operação estranha, pois comporta a dimensão do calculável e permite ao psicótico ter êxito onde o neurótico fracassa.

O modo neurótico de fracassar é indicado de modo límpido por Lacan no *Seminário – livro 5: As formações do inconsciente*: "O Nome-do-Pai, é preciso tê-lo, mas é preciso também se servir dele". Isso mostra como seria redutor abordar a clínica à luz do ter ou não o Nome-do-Pai, pois se pode tê-lo e não se servir dele, ou seja, não mobilizá-lo. Qual seria a tradução clínica disso? Teríamos de explorar mais a questão, mas acho que a inibição, a angústia e, de modo mais amplo, a incapacidade de desejar têm como motor uma incapacidade, ao menos transitória, de mobilizar o Nome-do-Pai.

Em oposição, temos aqueles que podem prescindir dele, na condição de se servirem. É a função da nomeação como o que atenua o furo na estrutura. Esse furo é a falta que impede a inscrição da relação sexual, ao mesmo tempo que o sujeito deve inventar o que poderia corrigir esta falha. Há uma solução generalizada para o furo na estrutura: o amor. Lacan o formula explicitamente em seu *Seminário – livro 20: Mais, ainda*, ao dizer

que o amor é uma suplência à ausência de relação sexual ou que "o amor obtura o furo".

Podemos constatar como, de modo transestrutural, convoca-se o amor para atenuar o impossível na estrutura, ou seja, o real. O que o sintoma revela são os limites do amor. O sujeito necessita, de fato, de uma volta suplementar, a invenção de um sintoma que não é outra coisa senão a suplência à impossível inscrição da relação sexual. Isso é figurado pelo nó borromeano, em que a amarração dos três registros – simbólico, imaginário e real – requer a existência de um quarto termo. Essa, aliás, é a razão da passagem, no ensino de Lacan, do nó de três ao nó de quatro.

Observemos, contudo, que esse quarto termo está indicado desde o *Seminário – livro 4: A relação de objeto*, no qual foi situado como uma pedra angular. Nos anos 1970, ele se torna a condição indispensável para evitar a desamarração na estrutura, lugar em que Lacan localiza tanto o pai quanto o sintoma. Dito de outro modo, o sintoma é o quarto termo que assume a função do pai, permitindo situar melhor a questão da suplência na psicose como a invenção necessária que pode desempenhas essa função de pai. Notemos também que, nessa época, Lacan define a psicanálise como uma prática que amarra os três registros. Não se trata tanto da psicanálise como prática da palavra, mas como prática que permite a escritura no inconsciente. A psicanálise, assim, torna-se uma prática da letra que permite ao sujeito cifrar o gozo, ou seja, um *savoir faire* com o real que possa prescindir da busca da interpretação de seu sentido.

TRADUÇÃO
Elisabete Thamer

referências bibliográficas

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 5: As formações do inconsciente* (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

LACAN, Jacques. (1960). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. *O Seminário – livro 20: Mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1982.

resumo

O trabalho tem como objetivo situar a função do termo suplência na obra de Lacan e sua aplicação na clínica psicanalítica das psicoses. Para isso, apóia-se em um caso clínico que evidencia o dispositivo usado pelo sujeito psicótico para limitar a irrupção de gozo advinda do Outro.

palavras-chave

suplência, psicose, estabilização

abstract

The paper's goal is to situate the function of the term suppleance in Lacan's work and its employment in psychoanalytical clinic of psychosis. This is based on a clinical case that makes evident the mechanism used by the psychotic subject in order to limit the irruption of enjoyment coming from the Other.

key words

suppleance, psychosis, steadiness

recebido

20/07/2006

aprovado

27/09/2006